

Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto

Frei Ildo Perondi (ildo.perondi@pucpr.br)

Na primavera de 1947 foram descobertos os primeiros Manuscritos de Qumran. Esta foi considerada a maior descoberta de manuscritos da época moderna e a mais importante na região da Terra Santa. É certo que foi uma riqueza, mas também provocou muitas polêmicas e certa confusão.

No segundo semestre de 2004, alguns destes manuscritos e objetos estiveram expostos no Rio de Janeiro e depois em São Paulo. Ultimamente encontramos livros, publicações e reportagens muito boas em jornais, revistas e sites na Internet, mas também encontramos algumas publicações sensacionalistas e livros *best sellers* (como os de M. Baigent e R. Leigh) ou o recente livro *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, também sensacionalista. Este tipo de publicação mais confunde que informa. São obras de amadores, ignorando todo o trabalho feito e esquecendo a contribuição e o bem que estes Manuscritos nos trouxeram.

Neste artigo procuraremos apresentar de forma resumida o que são os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto, a sua história, as polêmicas e a ajuda que trouxeram para a tradução e interpretação dos livros do AT, e também para uma melhor compreensão de muitos elementos que ajudaram na formação do NT e do Cristianismo.

1. Qumran

É o nome do lugar onde foram encontrados os primeiros manuscritos numa gruta. Situa-se perto do Mar Morto, em Israel. Em seguida foram encontradas novas grutas com outros manuscritos e objetos, não só em Qumran, mas em toda a região do Mar Morto, e por isso hoje se fala dos Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto (ou do Deserto de Judá). Foram localizados também os restos dos edifícios onde se reunia a comunidade.

No ano 70 os romanos destruíram o Templo de Jerusalém, destruindo também a cidade e Israel deixou de existir como estado judaico (até 1948). Em seguida, os romanos conquistaram e destruíram a comunidade de Qumran e depois tomaram a fortaleza de Massada, localizada próximo a Qumran. E em 135 dC foi vencida a última resistência judaica.

Na época em que se descobriram os primeiros Manuscritos a região estava sob dominação inglesa, em seguida o território passou a fazer parte da Jordânia. Em 1948 Israel tornou-se um estado independente, porém somente em 1967, com a guerra dos seis dias, é que a região de Qumran e do Mar Morto passou a fazer parte do território de Israel.

2. O que são os Manuscritos?

Os manuscritos são escritos, em couro ou papiros, em sua maioria na língua hebraica, e alguns poucos em aramaico e grego, que foram encontrados nas 11 grutas. Alguns estavam em bom estado e outros estavam bastante deteriorados com o tempo e as condições onde foram guardados. Ao todo foram encontrados em torno de 800 documentos. Alguns estudiosos sugerem que alguns manuscritos sejam cópias de livros sagrados que os judeus do Templo esconderam aí, quando pressentiram que os romanos destruiriam Jerusalém. Alguns são apenas fragmentos (pedaços) de textos.

Em geral podemos dizer que os Manuscritos encontrados se classificam assim:

1) *Manuscritos bíblicos*: estes textos são cópias fiéis que os habitantes da região de Qumran (escribas) transcreveram dos livros do Antigo Testamento (cerca de 225 manuscritos). O Livro dos Salmos é que foi encontrado maior número de cópias, o segundo é o Deuteronômio; o terceiro é Isaías (curiosamente são também estes os três livros mais citados pelo NT). Somente dos livros de Ester e Neemias não foi encontrada nenhuma cópia (veja relação no final).

2) *Apócrifos*: Foram encontradas cópias de diversos livros que não entraram no cânon da Bíblia Hebraica, exemplo: apócrifo do Gênesis, de Henoc, de Noé, de Lamec, do Livro dos Jubileus, etc. É bom lembrar que na época em que foram escritos os Manuscritos a lista (cânon) dos livros do AT ainda não tinha sido concluída, embora já houvesse um certo consenso.

3) *Comentários bíblicos*: Foram encontrados muitos textos que eram comentários e interpretações que a comunidade escreveu sobre os livros do AT. Estes comentários são importantes para percebermos como uma comunidade judaica daquele tempo interpretava os textos sagrados. Além disso encontramos muitas cópias de targums e midraxex rabínicos (estudos e interpretações).

4) *Livros da Comunidade*: A comunidade também escreveu livros sobre a sua vida. São textos legais sobre a organização da comunidade, livros e textos litúrgicos, poéticos, apocalípticos, escatológicos, comerciais, etc. Os mais famosos são a Regra da Comunidade, o Rolo do Templo, o Documento de Damasco, a Carta Halákica, a Regra da Guerra, etc. Foi encontrado também um famoso Rolo de Cobre, um livro escrito em cobre. É um enigma, pois contém o mapa onde estão escondidos cerca de 60 tesouros (mais de 200 toneladas de ouro e prata), mas parece ser uma fantasia e jamais se encontrou qualquer coisa.

Além dos Manuscritos foi encontrada uma grande quantidade de outros materiais, importantes para o conhecimento da comunidade, como: cerâmicas, moedas, objetos de trabalho, vestuários, calçados, utensílios de cozinha e de trabalho, etc.

A data em que foram escritos os Manuscritos gerou muita controvérsia. A hipótese de que sejam uma farsa hoje está descartada. Os mesmos foram submetidos à análise com os métodos mais modernos, como o Carbono 14, e hoje cientificamente se pode afirmar que os mais antigos sejam do século III aC e os mais tardios não sejam depois do ano 68 dC.

3. Como foi a descoberta dos Manuscritos:

Na primavera de 1947 três beduínos da tribo *Ta'amireh*, que cuidavam do seu rebanho, na região de Qumran, se divertiam jogando pedras dentro das grutas. Um deles, porém, sentiu um som estranho. Voltou sozinho de madrugada e descobriu entre outras coisas, um vaso contendo manuscritos antigos. Os beduínos tentaram vendê-los, quase sem sucesso. (Outra versão indica que foi um beduíno que foi em busca de uma cabra perdida que se havia refugiado em uma das grutas e fez as primeiras descobertas). O certo é que os beduínos chegaram a um senhor

chamado Kando, que se converteu no intermediário para passar adiante os materiais descobertos. Como pensavam que eram escritos em siríaco, os beduínos foram encaminhados ao metropolitano Mar Athanasius em Jerusalém, da Igreja Siro-jacobita (interessante que o porteiro vendo aqueles beduínos mal vestidos quase colocou tudo a perder, mandando-os embora!). O metropolitano comprou os manuscritos por cerca de 100 dólares (tempos depois os vendeu nos USA por 250.000 dólares).

O metropolitano consultou Sukenik, um professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. A partir disso, iniciou-se uma longa história em que a descoberta foi levada a sério, os beduínos conseguiram novos manuscritos, porém devido à situação de conflito na região, alguns desses manuscritos foram levados aos Estados Unidos. Iniciaram-se também as escavações e novas buscas na região, coordenadas por G. L. Harding (jordaniano) e pelo Pe. Roland de Vaux, da Escola Bíblica de Jerusalém, que escavaram e estudaram o local, fazendo estudo da comunidade e em várias expedições fizeram novas descobertas. Porém, os beduínos lembrando que seus avós contavam a história de um caçador que havia seguido uma lebre numa gruta, foram de novo os protagonistas e descobriram duas grutas (chamadas Gruta 4) onde foi encontrado o maior e melhor número de material (era o resto da Biblioteca central da comunidade de Qumran).

Foi construído em Jerusalém um local especial para colocar e proteger todo este material, o chamado “Santuário do Livro”, em forma da tampa de uma jara, semelhante àquela em que foram encontrados os primeiros manuscritos. É onde hoje se encontra todo o material e está sob a custódia do Museu de Jerusalém, hoje administrado pelo Estado de Israel. Segundo J. Strugnell, cerca de quatro rolos devem estar desaparecidos ou se perderam para sempre.

4. A Comunidade de Qumran:

R. de Vaux e sua equipe tentaram estudar quem foi esta comunidade que viveu ali e produziu todo este material. Baseados nas escavações e também em historiadores da época como Plínio, o Velho, Fílon e Flávio Josefo, chegou-se à conclusão que a comunidade começou a ser povoada cerca de 700 anos antes de Cristo. Porém, somente uns 200 anos a.C. é que teve a organização como grupo essencialmente separado. Esta sofreu uma forte destruição com o terremoto de 31 a.C. e depois deve ter ressurgido, até ser destruída pelos romanos e teve seu fim por volta dos anos 100 d.C. Alguns traços desta comunidade:

a) Tinham uma forte vida comunitária, com normas para a admissão, formação e vivência interna. Seguiam uma disciplina rígida, rezavam e faziam penitência, tinham os bens praticamente em comum. Liam, interpretavam e davam muita importância às Escrituras. Esperavam o fim dos tempos, onde eles, os “filhos das luzes”, combateriam ao lado de Deus contra os “filhos das trevas”;

b) A princípio parece que era uma comunidade constituída somente de homens, porém nos cemitérios foram descobertas ossadas também de mulheres (que podiam ser de visitantes ou familiares que vivam nas proximidades);

c) Uma figura importante na comunidade era o Mestre da Justiça;

d) Tinham uma forte expectativa messiânica, porém eram dois os Messias esperados: um de linha mais política, seria o descendente de David e o segundo seria o Messias Sacerdote, descendente de Aarão;

e) Seguiam um calendário de 364 dias.

O mais provável é que esta comunidade fosse um grupo de essênios, em uma comunidade de mais ou menos 200 pessoas. Alguns poucos sugerem que poderiam ser saduceus, zelotes, etc.

5. O Novo Testamento e Qumran

Surgiram várias hipóteses indicando que alguns dos personagens do NT seriam provenientes de Qumran ou tiveram contatos com esta comunidade. De fato, quem visita hoje Qumran na recepção vê um filme que informa sobre um personagem que esteve na comunidade, mas que foi expulso por não se adaptar à comunidade. Este personagem é identificado como o Profeta João Batista. E se lermos os evangelhos sinóticos vemos que os traços de João Batista (a radicalidade da sua proposta) têm muito a ver com a comunidade de Qumran. Outros sugerem que Tiago “irmão do Senhor” (cf. At 12,17; 15,13; Gl 1,19, etc.) pudesse ter ligações com a comunidade e Robert Eisenman até chegou a afirmar que este Tiago seria o Mestre da Justiça da comunidade. Nesses textos, segundo Eisenman, se falaria dos primeiros cristãos e em particular emergiria na sua plena luz o contraste que dividia a corrente de Tiago e aquela de Paulo. Encontramos também alguns que até chegaram a sugerir que o Apóstolo Paulo viesse desta Comunidade (é bom lembrar que o próprio Apóstolo Paulo várias vezes afirma seu passado como fariseu e nunca como essênio).

É interessante ver o paralelismo de certos termos com os escritos do NT. Um dos vocábulos que mais chamou a atenção é “os muitos” ou “maioria” que encontramos em At 15,12 e em 2Cor 2,5-6 e no relato da Eucaristia de Mt 26,27-28; Mc 14,23-24; Lc 22,20. Em Qumran encontramos o mesmo termo seja em relatos jurídicos e celebrativos. Encontramos também outras expressões como: “justiça de Deus”, “pobres em espírito”, “obras da lei”, “Igreja / Assembléia de Deus”, “a sorte dos santos”, “o Senhor do céu e da terra”, etc. que não são encontrados nos textos rabínicos da época.

Textos como 2Ts 2,7 “o mistério da iniquidade”; o tema paulino da “justificação pela fé” (cf. Rm 3,21-24; Gl 2,16), a figura de Melquisedec lembrada na Carta aos Hebreus, a expressão “ele será chamado Filho de Deus” de Lc 1,35-37, entre outros, também são encontrados nos escritos Qumrânicos.

No entanto, se existem paralelos, encontramos também divergências. E. Stauffer enumera pelo menos oito pontos diferentes entre a comunidade de Qumran e as primeiras comunidades cristãs: 1) um clericalismo maior em Qumran; 2) mais ritualismo e cerimônias; 3) o preceito de amar os filhos da luz e odiar os filhos das trevas; 4) o militarismo e a preparação para a guerra “apocalíptica”; 5) a supervalorização do calendário; 6) o caráter esotérico; 7) a expectativa dos dois Messias; 8) o relacionamento diverso com o Templo, com os sacerdotes de Jerusalém e com a Lei.

6. Problemas com a publicação dos Manuscritos

No início a Equipe responsável pelo cuidado dos Manuscritos e pela sua divulgação e publicação era constituída de um pequeno grupo, chefiada pelo Pe. de Vaux, da Escola Bíblica de Jerusalém. Devemos recordar que muitos fatores atrapalharam o trabalho. Basta lembrar que o território passou por mudanças políticas importantes: Inglaterra, Jordânia e depois Israel. Houve dificuldade de recursos econômicos e mesmo humanos (pessoas capazes de traduzir e interpretar os documentos). Falta de recursos para a aquisição dos Manuscritos. Tudo isso fez com que, passados 40 anos das primeiras descobertas, muitos textos ainda não eram de conhecimento público. Surgiram suspeitas sobre as descobertas e sobre os seus conteúdos, falou-se até em conspiração. Mesmo entre os biblistas católicos e protestantes criou-se um mal estar, tanto que J. Fitzmyer qualificou como um “escândalo” esta demora. Era inadmissível que documentos assim importantes ficassem em segredo, mas praticamente sem razão, e que não fossem de domínio público.

É certo que devido à falta de recursos, financeiros e humanos, a morte de R. de Vaux (que foi substituído por J. Strugnell – inglês, presbiteriano e depois católico – já velho), houve atraso nas traduções e publicações. Além disso, a Equipe queria publicar os textos com uma interpretação que fosse unânime entre os diversos membros. Tudo isso deu margem a inúmeras especulações.

Por isso na década de 90 houve uma mudança na Equipe, mais recursos e pessoas foram colocados à disposição e assim hoje todos os Manuscritos já foram divulgados, pelo menos através de fotografias. Hoje faltam somente uns poucos textos para serem publicados e traduzidos. Em português temos a excelente obra publicada pela Vozes: *Textos de Qumran*, de Florentino Garcia Martinez (tradução de Valmor da Silva), que traz praticamente todos os textos já publicados.

7. Questões e polêmicas com o Cristianismo

É certo que documentos dessa importância e que têm algo a dizer sobre a própria comunidade de Qumran, mas também sobre o judaísmo, o cristianismo e a própria cultura mundial, tendem a causar polêmicas e divergências. Vejamos as principais:

a) *John Allegro*: Entre os membros da equipe havia um pesquisador chamado John Allegro, inglês agnóstico. Devido a divergências com o grupo, ele se retirou fazendo fortes acusações dizendo que a equipe estava escondendo documentos da Gruta 4. Segundo ele, haviam manuscritos que poderiam prejudicar o Cristianismo e que havia uma conspiração do Vaticano para impedir a divulgação dos mesmos. Ele mesmo se pôs a publicar manuscritos por conta (e que depois se revelaram de péssima qualidade. Strugnell fez cem páginas de notas de correções ao seu livro). Allegro atribui as origens do Cristianismo aos efeitos de um alucinógeno. Quase na mesma direção, está a interpretação de Bárbara A. Thiering que vê João Batista como o Mestre da Justiça e Jesus como o Sacerdote Ímpio.

b) *Textos do NT em Qumran?* J.O'Callaghan, jesuíta espanhol, insistiu nos anos 70 que havia descoberto partes de textos do NT em Qumran na gruta 7 (nesta gruta foram descobertos também textos escritos em grego). Segundo ele, seriam textos de Marcos, Atos dos Apóstolos, Romanos, 1Timóteo, Tiago e 2Pedro. Esta hipótese foi assumida também pelo alemão C. Thiede e fez sucesso, mas também logo foi contestada. Primeiro, porque a grafia não é tão igual; segundo porque a 2Pedro é colocada pela maioria dos biblistas como o último escrito do NT (portanto foi escrita depois da destruição de Qumran); terceiro porque não foi encontrado nenhum livro do NT, mas somente alguns fragmentos com textos parecidos; quarto porque o material é muito fragmentado e não permite nenhuma hipótese segura. O texto encontrado (7Q5) e que O'Callaghan supõe seja de Mc 6,52-53, e pode ser traduzido assim: “*porque [não] haviam compreendido o fato dos pães estando o seu coração endurecido. Terminada a travessia chegaram ao território de Genesaré e chegaram à terra. Apenas descenderam...*” O texto não fala de Jesus e poderia muito bem se referir a um outro fato, com outro grupo, ainda que se pareça com o texto de Marcos. Por isso, hoje se exclui a possibilidade que qualquer uma das 11 grutas contenha algum texto da literatura cristã primitiva.

c) *Jesus era de origem essênica?* Alguns autores procuram comparar as práticas, os costumes, as propostas entre Jesus e as primeiras comunidades cristãs com os essênios e descobrem muitas semelhanças. Por isso, afirmam que o cristianismo seria de origem essênica. Esta hipótese também é fraca, pois temos todos os textos do NT que comprovam a origem judaica de Jesus na Galiléia. Embora com isso não se negue que alguns membros do grupo de Jesus possam ter tido ligações com a comunidade de Qumran (João Batista e outros).

d) *O caso do Messias assassinado ou que assassinou*: Um dos textos que mais causou polêmicas foi 4Q285. O fragmento estava em certa parte corrompido e foi passível de várias interpretações, por isso não foi logo divulgado. Isso ajudou a aumentar as suspeitas. Os estudiosos sugerem várias traduções: “*E esses assassinaram (ou: assassinarão) o príncipe da comunidade, o rebento de Davi*”. O texto pode ser interpretado tanto no passado como no futuro. Outros preferem: “*O príncipe da comunidade o matará (ou: o matou)*”. Poderia também ser: “*O príncipe da comunidade, o rebento de Davi, o matará*” ou: “*matará o ímpio*”. Tudo isso traz um certo paralelo com o NT. Em 1991 R. Eisenman publicou um livro (à revelia do comitê e desrespeitando até os direitos autorais) onde diz revelar textos inéditos, um dos quais que falava da execução capital de um Messias e insiste que este Messias seja Jesus e que por isso o texto não havia sido tornado público. Poucos são os que aceitam esta hipótese, já que Eisenman optou pela tradução menos segura. Em 1992, ele publica outro livro juntamente com M. Wise. Porém, em seguida, Wise se retratou das interpretações feitas (cf. se pode ver na apresentação da edição italiana feita por E. Jucci). No entanto, estas publicações tiveram o mérito de tornar públicos muitos dos manuscritos que demoravam para serem publicados..

Sobre os pontos acima, é bom lembrar que eminentes estudiosos encarregados da publicação dos manuscritos sempre afirmaram que, embora se encontrem muitos paralelos, não existe nada nos textos que tenha ligação direta com o nascimento do Cristianismo na Galiléia. Também em nenhum dos textos se encontra o nome de Jesus. Segundo F. G. Martinez, as últimas análises dos Manuscritos feitas com carbono 14, comprovam que os mesmos são anteriores ao cristianismo e portanto, “*excluem definitivamente as teorias de uma origem zelota ou judeu-cristã dos manuscritos*”.

O que percebemos é que alguns (como O'Callaghan) gostariam de ver em Qumran e no Mar Morto indícios de Jesus e dos textos do Novo Testamento. Não precisamos disso para a credibilidade da nossa fé. Outros, em outro extremo, querem fazer “*provocações*” e sugerir que Jesus e o cristianismo tenham origens essênicas. Nem isso está nos Manuscritos. Jesus continua sendo de origem judaica e o cristianismo continua com sua origem na Galiléia.

Embora seja verdade que o pensamento de Jesus algumas vezes se aproximasse das idéias dos essênios, porém a prática de Jesus e das primeiras comunidades se distanciava muito do extremismo deles.

8. A importância dos Manuscritos

Os manuscritos de Qumran e do Mar Morto foram, sem dúvida, a maior descoberta do milênio passado para a crítica literária e para o estudo da Bíblia, pois voltamos a ter acesso a cópias de textos bíblicos da época de Cristo e alguns até dos séculos II-III a.C. Tanto a religião judaica, como o cristianismo, foram duas religiões muito perseguidas na história, por isso foi difícil preservar os originais ou cópias antigas dos textos sagrados. Para se ter uma idéia, antes desta descoberta, tínhamos a *Bíblia Hebraica* de Soncino do ano 1477; a *Bíblia Rabínica* (com *massora*, isto é, anotações que os escribas faziam nas margens das páginas copiadas) de 1518, já impressa com a descoberta de Gutenberg e a obra de Jacob Ben Chayyion, o famoso *textus receptus* de 1524/1525. Em 1929 surgiu a *BHS*, a *Bíblia Hebraica* de Kittel e P. Kahle, baseada no Código de Leningrado de 1008. Então, estes manuscritos de Qumran e do Mar Morto nos forneceram cópias com cerca de mil anos mais antigas dos livros do AT. Tudo isso ajudou a corrigir e melhorar as traduções da Bíblia.

Para o mundo judaico, além da contribuição bíblica, a descoberta abriu o caminho para o acesso a manuscritos e materiais de dois mil anos, bem como as escavações e o conhecimento de uma comunidade de um grupo judaico (os essênios), que contribuem também para entender melhor a história dos últimos anos da existência do estado de Israel (antes de ser destruído pelos romanos). E proporcionou um grande conhecimento da literatura hebraica pré-cristã.

Para o cristianismo, também a maior importância está nas descobertas bíblicas, mas também em poder conhecer melhor o ambiente, as estruturas, idéias do mundo judaico da época de Jesus e de uma comunidade que tinha pontos em comum e pontos divergentes com o cristianismo.

Porém, com J. C. Vanderkam podemos afirmar: “Sustentando que o Jesus histórico era o Messias, no itinerário que conduziu à época escatológica, os cristãos se colocaram muito além em comparação com os essênios de Qumran, os quais esperavam que os seus Messias viriam em um futuro imediato”.

Concluindo, podemos dizer que tinha razão a afirmação do exegeta bíblico W. F. Albright quando soube da descoberta dos Manuscritos: “Parabéns pela maior descoberta de manuscritos dos tempos modernos”. E em outra ocasião: “É fácil de perceber que esta nova descoberta revolucionará os estudos neotestamentários e logo renderá superados os manuais que tratam do ambiente do NT e da crítica textual e da interpretação do AT”.

Relação dos Manuscritos bíblicos encontrados:

Gênesis	15	Salmos	36
Êxodo	17	Provérbios	2
Levítico	13	Jó	4
Números	8	Cântico dos Cânticos	4
Deuteronômio	29	Rute	4
Josué	2	Lamentações	4
Juízes	3	Eclesiastes	3
1-2 Samuel	4	Ester	0
1-2 Reis	3	Daniel	8
Isaías	21	Esdras	1
Jeremias	6	Neemias	0
Ezequiel	6	1-2 Crônicas	1
12 Profetas	8		

Também foram encontradas cópias de alguns livros deuterocanônicos que não vieram a fazer parte da Bíblia Hebraica: Tobias (4 cópias em aramaico e uma em hebraico); Eclesiástico (alguns fragmentos); Carta de Jeremias = Baruc 6 (foi encontrada uma cópia em grego); Salmo 151, que se encontra na LXX (uma cópia).

Bibliografia

DONNINI, D. *Cristo e Qumran. La chiave di un rapporto controverso.*

In: http://www.etanali.it/mar_morto/files/qumran.htm

EISENMAN, R. – WISE, M. *Manoscritti segreti di Qumran.* Edizione italiana a cura di Elio Jucci (Piemme, Asti ²1994).

JUCCI, E. *I manoscritti ebraici di Qumran: A che punto siamo?* in: <http://dobc.unipv.it/SETH/achepunt.htm>

JUCCI, E. *Qumran. A cinquant'anni dalla ricorrenza della scoperta dei manoscritti,* in: <http://dobc.unipv.it/SETH/qumran50.htm>

MACKENZIE, J. L.. *Dicionário Bíblico.* Verbete: “Qumran” (Paulus, São Paulo ⁷2002).

MARTINEZ, F. G. *Textos de Qumran.* Tradução de Valmor da Silva (Vozes, Petrópolis 1995)

MOLINA, C. *As relíquias que o Mar Morto conservou por mais de 2 mil anos.* (O Estado de S. Paulo, 25/11/2004, Caderno 2, pg. D3).

VANDERKAM, J. C. *Manoscritti del Mar Morto. Il dibattito recente oltre le polemiche* (Città Nuova, Roma ²1997).

OBS. Para a elaboração deste texto utilizei muito o livro de James C. Vanderkam, que é atualmente membro da Equipe responsável pela tradução e divulgação dos Manuscritos. Além disso, ele mesmo no seu livro – parodiando Lucas – afirma que fez uma boa pesquisa para poder informar melhor todos os fatos ocorridos desde a descoberta dos manuscritos até os dias atuais. Esperamos que o livro seja publicado no Brasil.

Este texto está em: <http://www.presbiteros.com.br/B%EDblia/Qumran%201.htm>